

PREVALÊNCIA DE COLAGEM DENTÁRIA NO PROJETO CEMTRAU/ODONTO - 15 ANOS DE ACOMPANHAMENTO

Camila Arissa Nakamura (PIC), Anna Carolina Cenci Matick Rombaldo (coorientadora), Nair Narumi Orita Pavan, Alfredo Franco Queiroz, Raquel Sano Suga Terada (orientadora). E-mail: camilaarissanakamura@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Departamento de Odontologia, Maringá, PR.

Odontologia, Clínica Odontológica

Palavras-chaves: Traumatismos dentários; Estudos Transversais; Colagem Dentária

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi avaliar a prevalência de colagens de fragmentos dentários em pacientes com traumatismo coronário não complicado realizados no projeto CEMTrau (Centro Especializado Maringaense de Traumatismos Odontológicos) da Universidade Estadual de Maringá, de 2008-2022. Realizou-se um levantamento transversal e retrospectivo dos prontuários e computou-se o número total dos pacientes atendidos, por sexo, idade, dentes acometidos pelo trauma, número de retornos pós-atendimento, envolvimento pulpar e meio de armazenagem do fragmento. Foram incluídos 670 prontuários e a prevalência da técnica de colagem de fragmentos foi de 2,2%. O perfil mais prevalente foram de pacientes do sexo masculino, 11 anos, sendo que os incisivos centrais superiores foram os mais afetados e, soro fisiológico, o meio de estocagem mais utilizado. Foram realizados aproximadamente 2 retornos por paciente e apenas 4 dentes receberam proteção pulpar. A técnica de colagem de fragmento é indicada e descrita na literatura nos casos de fraturas coronárias não complicadas, pois apresenta diversas vantagens em relação a outras técnicas restauradoras, como boa relação custo/benefício. Entretanto, alguns fatores podem interferir na aplicação, desde o fragmento que deve estar em condições para ser colado em boca novamente, até o conhecimento da técnica pelo paciente e pelo próprio profissional, bem como a própria escolha do tratamento. Conclui-se que a prevalência de colagem de fragmentos nos casos de fratura dentária realizados pelo projeto CEMTrau nos últimos 15 anos é baixa (2,2%) e indicativa de que campanhas futuras de conscientização sobre o procedimento podem ser de extrema valia.

INTRODUÇÃO

O trauma dentário pode ser definido como um impacto externo no tecido dentário duro ou de suporte e é considerado um problema de saúde pública devido à frequência e ao impacto econômico e na qualidade de vida. Dentre os tipos de

traumas, as fraturas coronárias não complicadas, onde há o envolvimento de dentina e/ou esmalte, são as mais frequentes (Sarapultseva; Sarapultsev, 2019).

As opções de tratamento disponíveis para este tipo de traumatismo são restaurações diretas, indiretas e colagem de fragmento, em que o último tem se mostrado como principal alternativa nesses tipos de fraturas (Bissinger *et al.*, 2021; Sarapultseva, Sarapultsev, 2019). O tratamento apresenta diversas vantagens em comparação a outros procedimentos restauradores, como conservação do remanescente dentário, manutenção do contorno, translucidez original, coloração estável, resposta emocional e social positiva por parte do paciente, além de uma técnica relativamente rápida, fácil e econômica (Andreasen *et al.*, 1995) com resultados finais que não diferem no tratamento com resina composta (Sarapultseva; Sarapultsev, 2019).

O projeto CEMTrau-Odonto promove atendimentos odontológicos especializado em traumatismos dentários desde 2003 para a região metropolitana de Maringá. Neste contexto, o objetivo deste estudo foi avaliar a prevalência de colagens de fragmentos em pacientes com traumatismo coronário não complicado realizados no projeto CEMTrau-Odonto, durante o período de 2008-2022.

MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo foi realizado atendendo à Resolução 466/2012-CNS e aprovado em Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CAAE 60377722.0.0000.0104). O levantamento foi realizado de maneira observacional e retrospectiva dos prontuários contendo dados de colagem de fragmento dentário por traumas em dentes permanentes durante 15 anos (2008-2022), por um único pesquisador. Todos os prontuários deste período foram computados para obter número total de pacientes atendidos e daqueles que realizaram o procedimento de colagem de fragmento, foram extraídas as informações: data do atendimento, sexo, idade do paciente na primeira consulta, dentes acometidos pelo trauma, classificação do tipo de fratura, envolvimento pulpar, número de retornos, meio de estocagem do fragmento. As informações foram organizadas em planilha Excel e analisadas de forma descritiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre o período de 2008 e 2022 foram atendidos no projeto de extensão CEMTrau da Universidade Estadual de Maringá, 727 indivíduos (Fluxograma 1). Os prontuários dos pacientes foram computados e analisados, sendo que 57 foram excluídos por envolverem fraturas em dentes decíduos ou porque apresentavam informações incompletas. Desta forma, foram incluídos neste estudo 670 pacientes no total, dos quais, 31 envolviam procedimentos de colagem de fragmento. A prevalência de sexo foi 30 pacientes masculinos para 1 feminino, sendo que a mediana das idades foi de 11 anos.

Do total de 670 pacientes atendidos, 1474 dentes foram afetados pelo traumatismo e tratados pelo projeto, sendo que destes, 33 receberam a colagem (2,2%). Os dentes mais afetados foram os incisivos centrais superiores, o dente 11 com 12 colagens e o dente 21 com 15 colagens, seguido dos laterais superiores, o dente 12 com 2 colagens e o dente 22 com 4 colagens, com aproximadamente dois retornos. Em apenas 4 dentes houve envolvimento pulpar e necessidade de capeamento pulpar. O meio de armazenamento do fragmento mais utilizado foi o soro (17), seguido de leite (5), a seco (5) e água (4).

Vale ressaltar que a baixa incidência nos anos de 2020 e 2021 foi algo consequente da pandemia de COVID-19 em que o projeto CEMTrau foi impossibilitado de exercer suas atividades devido às leis municipais.

A técnica de colagem de fragmento tem se mostrado eficaz e apresenta diversos benefícios, respeitando-se uma filosofia de odontologia minimamente invasiva, uma vez que o remanescente dentário é preservado sem muitos desgastes (Andreasen *et al.*, 1995). Além disso, clinicamente as principais causas de falha seriam novos traumas ou o uso não fisiológico do dente colado (Andreasen *et al.*, 1985).

Em relação aos materiais mais utilizados, a literatura traz os sistemas adesivos associados a resinas compostas, tanto convencionais quanto do tipo *flow*, cimentos resinosos e ionômero de vidro (Ajayi, Adebayo, 2018). O perfil mais prevalente são pacientes do gênero masculino, entre 7 e 11 anos, com os dentes anteriores superiores mais vulneráveis e afetados (Bissinger *et al.*, 2021; Sarapultseva; Sarapultsev, 2019)

A média do tempo de sobrevivência apresentou a porcentagem de 84,4-100% (Bissinger *et al.*, 2021), com a recomendação de acompanhamentos de 6 a 8 semanas e após 1 ano. O soro fisiológico é o meio de armazenamento mais relatado na literatura (Ajayi, Adebayo, 2018).

Apesar de a técnica ter sido frequentemente indicada como primeira opção de escolha, a utilização da técnica no projeto CEMTrau ainda possui baixos índices de prevalência. Diante deste fato, podemos pressupor que isto ocorra devido à impossibilidade de se ter o fragmento em mãos, que esteja propício para a realização da colagem, pois nem sempre os pacientes ou responsáveis se atentam em trazê-lo ao atendimento, não possuem o conhecimento da possibilidade da realização da técnica ou até mesmo pela perda do fragmento (Gunwal *et al.*, 2021). Por outro lado, outra possível causa deste resultado seria a falta de conhecimento e prática da técnica pelo próprio cirurgião dentista (Gunwal *et al.*, 2021)

Devido aos critérios de exclusão, os prontuários sem informações completas não foram incluídos, sendo o processo de documentação, o principal fator limitante deste estudo.

O estudo aponta a necessidade de constante divulgação de instruções aos pacientes e responsáveis sobre como proceder diante de traumatismos dentários e a existência da possibilidade da técnica entre os próprios alunos de graduação e

profissionais, além de um processo mais criterioso de documentação. Novos levantamentos são de extrema valia para avaliar a conduta dos profissionais e graduandos frente a traumatismos dentários, assim como verificar o grau de conhecimentos dos pacientes atendidos. Além disso, uma reavaliação a longo prazo dos dentes colados poderia auxiliar na mensuração da estabilidade das colagens.

CONCLUSÕES

A prevalência de colagem de fragmentos nos casos de fratura dentária realizados pelo projeto CEMTrau nos últimos 15 anos é baixa (2,2%) e indicativa de que mais campanhas futuras de conscientização sobre o procedimento podem ser de extrema valia.

REFERÊNCIAS

AJAYI, D.M.; ADEBAYO, G.E. Survival of reattached tooth: A systematic review. **Journal West African College Surgeons**, v.8, n.3, p.59-84, jul/set, 2018. Acesso em: 14 Mar. 2023.

ANDREASEN, F. M. et al. Long-term survival of fragment bonding in the treatment of fractured crowns: a multicenter clinical study. **Quintessence Int**, v.26, n.10, p.669-681, out, 1995. Acesso em: 16 Nov. 2022.

BISSINGER, R. et al. Survival analysis of adhesive reattachments in permanent teeth with crown fractures after dental trauma. **Dental Traumatology**, v.37, n.2, p.208-214, abr, 2021. Acesso em: 13 Dez. 2022.

SARAPULTSEVA, M; SARAPULTSEV, A. Long-term results of crown fragment reattachment techniques for fractured anterior teeth: A retrospective case-control study. **Journal of Esthetic and Restorative Dentistry**, v.31, n.3, p.290-294, mai, 2019. Acesso em: 25 Ago. 2022.

GUNWAL, M. K. et al. Knowledge, awareness and perception amongst dental practitioners towards natural tooth fragment reattachment procedures in clinical practice - A cross-sectional survey. **Dental traumatology**, v.37, n.6, p.779-785, Dec. 2021. Acesso em: 5 Jun. 2022